

A contribuição da dinâmica grupal na prevenção da violência na adolescência e nas comunidades

David Zimmerman¹

Trata-se uma causa perdida ou os responsáveis pelo problema da violência é que estão perdidos na causa?

É consensual entre todos nós que a violência representa um problema de alta complexidade, de profundas e múltiplas repercussões em todas as áreas e dimensões — no âmbito dos grupos familiares, institucionais, comunitários e sociais —, em todos os níveis — regionais, nacionais ou mundiais —, provocando altos custos não só de segurança, mas também prejuízos econômicos, políticos, etc. e, sobretudo na qualidade de vida dos indivíduos e coletividades, que vivem, ou sobrevivem num permanente sobressalto e temerosos pela própria vida de cada um e de todos.

Este problema atinge proporções tão gigantescas que seria impossível, aqui, pretender abordá-lo em toda sua extensão e profundidade, razão porque nos restringiremos no presente artigo a focar mais detidamente a violência nos adolescentes, tanto àquela que sofrem passivamente, quanto a que, ativamente, eles fazem outras pessoas e comunidades sofrerem. Tanto quanto possível tentaremos analisar de forma sucinta as raízes geradoras dos sentimentos de agressão destrutiva e a conseqüente conduta violenta, suas múltiplas formas de manifestação e propor algumas possíveis medidas profiláticas e terapêuticas, notadamente aquelas que utilizam os recursos provenientes da dinâmica grupal.

1. Médico Psicanalista Didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

São tantas, tão profundas e tão abrangentes as causas etiopatogênicas responsáveis pela eclosão da violência que, acima de tudo, este problema representa um chamamento à responsabilidade e um sério desafio a cada indivíduo, às famílias, à sociedade como um todo e aos órgãos governamentais. A esses últimos cabe um grande quinhão pela responsabilidade, tanto de forma direta no que tange à segurança pública, quanto indiretamente, no que diz respeito à eficiência ou fracasso no setor de educação, garantia de trabalho, utilização da verba pública, distribuição de renda, modelo de proibidade, etc., etc.

Uma primeira e indispensável colocação é que os elementos parciais — indivíduo, família, escola, sociedade, governo e influências globais — sempre permanecem numa permanente interação, constituindo uma estrutura, um sistema único, ou seja, cada um destes fatores influencia e é influenciado pelos demais, o que se pode processar tanto de forma sadia quanto patológica. Logo, o principal enfoque do problema da violência na adolescência implica na obrigação de que os estudiosos e responsáveis tenham uma visão sistêmica global.

Creio que até agora estamos perdendo a batalha contra a violência que medra em escala geométrica no mundo dos adolescentes, notadamente nas classes mais baixas da escala social, a ponto de muitos estudiosos estarem considerando o problema como uma “causa perdida”. Se a isso acrescermos a diluição da responsabilidade entre os antes referidos múltiplos elementos que partilham a responsabilização pelo problema da violência, fica justificada a epígrafe deste artigo: *trata-se de uma causa perdida, ou os responsáveis estão perdidos na causa?*

As formas de manifestação e o grau de intensidade com que a violência é praticada são tão variáveis, que talvez seja mais apropriado o emprego do termo *violências*, no sentido plural, no lugar de simplesmente o singular “violência”. Assim, cabe registrar entre as diversas modalidades, a “violência urbana”, sob a forma de furtos, assaltos, agressões físicas, trânsito mortífero, homicídios, suicídios, seqüestros, tropelias e “arrastões” em distintos locais públicos, etc., etc.

A violência de natureza “sócio-política-econômica”: aquela que, na maioria das vezes, impossibilita um mínimo de dignidade nas condições de moradia, alimentação, vestuário, transporte, trabalho, um acesso aos serviços de saúde...

A violência “moral” pela qual toda sorte de humilhações pode ser imposta ao cidadão comum e mais particularmente ao adolescen-

te ainda dependente e despreparado para enfrentar as exigências e situações adversas da vida.

A violência “sexual” praticada por distintas formas de abuso por parte de maiores contra crianças e púberes — tanto dentro como fora de casa -pode acarretar na vítima (mesmo nos casos em que houve uma complacência da criança abusada) futuros sérios problemas não só contra o uso sadio da sexualidade genital, como também com repercussões na área da conduta que fica voltada para a vingança por métodos violentos.

A violência do “ensino”, ou seja, aquela que é praticada nas escolas que, a título de seriedade ao cumprimento do currículo oficial, acirram a disputa narcisista pelas notas máximas e estimulam que os alunos decorem datas, nomes e fórmulas, em detrimento da espontaneidade e criatividade. Da mesma forma todos conhecemos a verdadeira violência que certos professores podem cometer contra alunos, por meio de uma continuada intimidação, ou desqualificação, além da possibilidade nada rara de praticarem a violência de verdadeiros deboches e humilhações perante demais colegas, tirando a alegria do aprendizado e transformando-o num verdadeiro suplício. Uma outra forma de violência que é cometida no ensino, de uma forma sutil porém muito mais freqüente que aparenta ser, consiste naqueles professores que narcisisticamente fazem uma enorme questão de brilhar, a ponto de des-lumbrar (tirar a luz) os alunos, assim cegando-os de modo a atrofiar a capacidade de cada um de contestar e de pensar por si próprio

A violência dentro da “família”, situação nada incomum, em que pais maltratam filhos por meio de privações essenciais, abandonos ou verdadeiras e cruéis agressões físicas. Nesses casos, a consequência mais grave talvez consista no modelo de identificação de atitudes violentas que vai passando de geração à geração. Uma forma mais sutil de violência inconsciente praticada por certos pais, mascarada por uma aparência e uma honesta intenção de amor, consiste na manutenção de uma excessiva e demasiada dependência e infantilização do filho, assim atrofiando suas capacidades adultas e deixando-o despreparado para o enfrentamento das inevitáveis dificuldades inerentes ao processo de viver.

Além dessas, somam-se outras pressões externas, como é o caso das exigências da própria cultura onde o adolescente está inserido e das múltiplas demandas e expectativas impostas pela mídia, como são as de ordem de beleza estética, a apologia de uma falsa liberdade, o sutil in-

centivo à agressão, entre tantas outras mais. Não é demais consignar que ainda existe um ranço na cultura praticada por entidades educacionais religiosas que a título de um amor a Deus e o culto às virtudes, transmitem à criança ou adolescentes um clima de temor, quando não de um terror persecutório.

Também existe uma forma passiva de violência, isto é, aquela pela qual, por “omissão ou negligência” dos responsáveis, a criança ou o adolescente não são escutados e ficam abandonados à própria sorte, em cuja situação se vêm impelidos a buscar soluções próprias, desesperadas, impregnadas com sentimentos de ressentimento, ódio e vingança, mantendo-se unidos em bandos com outros iguais, para ganhar mais força. O exemplo mais típico dessa contingência é o tristemente conhecido problema do “menino de rua”, o “menor abandonado”.

É claro que existem outras formas de violência que são admitidas como necessárias e inclusive são louvadas pela sociedade, como é o caso das guerras em que os jovens infantis (daí vem “infantaria”), considerados como sendo heróis, matam e morrem em defesa da pátria. Da mesma forma existe a violência cuja ética é altamente discutível no seio da própria sociedade (muitos condenam e outros tantos defendem com igual fervor), tal como acontece no problema inerente à intensa prática do aborto, cada vez mais freqüente também em mocinhas adolescentes.

Amplificando ainda mais a complexidade do problema que estamos enfocando é necessário ressaltar que as pressões geradoras da violência também podem advir de *fatores internos*. Assim, todo ser humano nasce com uma carga genética, com pulsões de vida e de morte, de amor e de ódio, submetido à necessidades vitais, desejos, demandas e angústias de toda ordem que fervilham no seu psiquismo inconsciente.

Além disso, todo sujeito está sujeitado a um permanente estado de dependência (que pode ser “boa” ou “má”; isto é, sadia ou patológica), necessitando construir um sentimento de identidade, preservar ao máximo a sua auto-estima e obter o reconhecimento dos demais como sendo alguém que existe, é visto, escutado, aceito, respeitado e admirado. Na atualidade, essa pressão oriunda do psiquismo interno fica agravada por uma crise muito comum, principalmente entre adolescentes, relativamente ao questionamento sobre a falta de perspectivas e, mais grave ainda, quanto ao próprio sentido da existência.

Este último problema está exacerbando a prática de uma violência fatal cometida pelo próprio adolescente contra si mesmo — ou seja,

o *suicídio* — tanto de forma direta, quanto de modo indireto nas suas diversas modalidades, como as decorrentes de uma *overdose* de drogas, ou por meio de uma conduta suicida, isto é, jum comportamento altamente masoquista que caracteriza um estilo de vida no qual há uma sucessão de perdas provocadas e um permanente desafio entre a vida e a alta possibilidade de morte por meio de acidentes, convívio com lugares muito perigosos, etc.

AS CAUSAS MAIS COMUNS DA VIOLÊNCIA NA ADOLESCÊNCIA

Antes de prosseguir este trabalho no que se refere às causas mais comuns da violência na adolescência, convém tecer algumas considerações mais específicas que caracterizem, separadamente, a violência e a adolescência.

VIOLÊNCIA. É útil consignar a etimologia da palavra “violência”. O étimo latino *vis* (que significa “força”) também dá origem aos vocábulos “vigor”, “vida” (de *vis*, *vita*) e “vitalidade”, assim como também origina o termo “violência”. A transição de um estado mental de *vigor* para o de uma *violência* é a mesma que se processa entre o de uma agressividade sadia para o de uma agressão destrutiva. Para que a diferenciação conceitual entre agressividade e agressão fique mais clara, é útil lembrar que a agressividade designa um sadio movimento para a frente, tal como comprova a etimologia do verbo “agredir”, o qual resulta dos étimos *ad* (quer dizer “para a frente”) e *gradior* (“movimento”).

Quais são os fatores que influenciam e determinam que uma determinada força psíquica seja utilizada pelo self do sujeito de uma forma construtiva ou destrutiva? Uma primeira tentativa de resposta a esta pergunta é a de que, entre muitos outros fatores, como são os heredo-constitucionais e os bio-psico-sociais, também adquire uma especial importância a inter-relação entre o estado de desamparo e a conseqüente reação de violência.

A angústia mais terrível a que todo ser humano possa vir a sofrer é a do *desamparo*, ou seja, remonta à época em que o bebê sentia-se desamparado, atordoado e abandonado à sua sorte diante de um aluvião de excitações demasiado poderosas para que os processos mentais do seu ego incipiente pudessem manejá-las. As crises vitais da existência humana (entrada na adolescência, a tomada de responsabilidades na

condição de adulto, a velhice, etc.) podem reativar a referida angústia de desamparo, a qual, por sua vez gera ressentimentos, ódio e violência.

Assim, a violência manifesta na adolescência nada mais é do que uma resultante da desestruturação do psiquismo que data desde o desenvolvimento emocional primitivo, como decorrência das falhas de maternagem, de abandonos prematuros que a criança sofre por parte do pai, notadamente nas classes mais desfavorecidas, ou ainda por um excesso de estímulos de toda ordem que o ego da criancinha ainda não tem condições de processar. Nessas condições os excessivos estímulos amorosos, sexuais, agressivos ou narcisistas não elaborados se convertem em fontes de angústia e produção de conflitos geralmente calcados no ódio acumulado.

GANGUES ADOLESCENTES. Por definição, todo adolescente está em busca de uma construção de sua *identidade*. Isto se manifesta por um estado mental algo confusional, tanto pelo fato dele sentir-se, ao mesmo tempo, uma criança dependente e um adulto independente, como também na sua indefinição de sua identidade de gênero sexual, e de sua inserção no contexto socioprofissional. Ele está em busca, portanto, de seu sentimento de identidade no seu tríplice aspecto: individual, grupal e social.

Uma das formas de como todo indivíduo organiza a sua identidade e adquire uma consciência e reafirmação do seu valor, é através da busca de um *reconhecimento* por parte dos seus pares e do seu meio social. Pode acontecer que essa ânsia de reconhecimento adquira dimensões exageradas — hiperbólicas e muito ruidosas — que possam aparentar como sendo uma expressão de violência, quando na verdade elas estejam expressando um recurso extremo do adolescente inseguro, de chamar a atenção e o reconhecimento dos outros para o fato de que ele existe e deseja ser visto, escutado, compreendido e atendido. Desta forma, existe uma estreita conexão entre as pautas individuais e as socioculturais, as quais são representadas pelos papéis, posições e funções que foram designados a cada um, dentro do contexto da organização social. Como já foi referido antes, dependendo de uma série de fatores, o sentimento de identidade pode estruturar-se de forma normal ou patológica.

A verdade é que, bem no fundo o adolescente está procurando sobreviver à ameaça de um terrível sentimento de desamparo, o qual é devido às múltiplas e, algo súbitas, mudanças, tanto as corporais como

as afetivas (como é o caso do surgimento de “paixões”) e também às mudanças que se referem aos seus valores e projetos de vida, assim como àquelas que resultam da transição de Narciso para Édipo, ou seja, da pré-genitalidade para a genitalidade adulta.

Diante de tantas mudanças, perdas e separações, o adolescente entra em um estado de *crise*, de acordo com a etimologia desta palavra (o vocábulo “crise” deriva do étimo latino *krinen*, o qual quer dizer “separação, e daí derivam outras palavras como: crivo, critério, discriminar, etc.)

A tendência do ser humano a um natural *agrupamento* fica bastante intensificada na adolescência porquanto o grupo é o habitat natural dos púberes e adolescentes. Uma das razões que justificam esta forte tendência ao agrupamento com outros iguais a ele deve-se ao fato de que, em grupos, os adolescentes sentem-se menos expostos às críticas, discriminam-se dos adultos, confiam mais nos valores de seus pares, diluem a vergonha, a culpa e os sentimentos de inferioridade quando partilham os mesmos problemas entre si e reasseguram a autoestima através da imagem que os outros lhe remetem. Além disso, pode-se dizer que o grupo funciona como um objeto e espaço transicional (conforme Winnicott), ou seja, ele permite a sadia criação de uma zona imaginária onde se manipula o real, porém ainda com um forte sentimento de ilusão e de onipotência. Esta última condição, de acordo com o grau crescente de regressividade do grupo, tanto pode ser realmente transitória, como pode ficar cronificada numa forma intensa, permanente e patologicamente egossintônica de o grupo funcionar (ou seja, esses indivíduos estão sintônicos com a sua doença e nem acreditam que estejam doentes).

Desta forma, é necessário que se faça uma distinção entre os três tipos básicos de *grupos* que espontaneamente são formados pelos adolescentes: os normais, os drogativos e os delinquentes.

Os grupos *normais*, que habitualmente denominamos como “turmas” propiciam para o adolescente a formação de uma nova identidade, intermediária entre a família e a sociedade, com a assunção de novos papéis e a busca de uma libertação do cerceamento imposto pelo superego e ideal do ego.

É importante estabelecer uma diferença entre *drogativos* e *drogadictos*. No segundo caso, a droga é usada como uma forma de violência (contra si próprio, aos pais, à sociedade, etc.). Nos drogativos,

a droga pode estar significando um modismo, uma espécie de griffe de coragem e de valorização junto a seus pares. Assim, paradoxalmente, a droga também pode representar o fetiche que une, integra e estrutura os adolescentes do grupo, funcionando como uma forma transitória de proteção contra o desamparo.

A FORMAÇÃO DE GANGUES. Como vimos, o período da adolescência pode ser considerado como um segundo processo de “separação-individação”, com movimentos pendulares centrípetos e centrífugos, entre o desamparo e a violência, ou seja, tanto buscando os limites como as limitações, quanto se rebelando contra os mesmos e substituindo-os pela onisciência (“nós — eu e o meu grupo — sabemos tudo”), pela onipotência (“nós podemos tudo”) e pela prepotência (“nós somos fortes, tanto que os outros é que tremem de medo de nós”). A finalidade maior deste movimento por parte do grupo de adolescentes é a de uma certa ruptura com os valores vigentes, como uma forma de obter uma diferenciação dos modelos dos pais e da cultura do seu entorno social.

Justamente, a maior ou menor predominância da violência que acompanha o processo de separação — individuação — cujo grau máximo de angústia é a que acompanha o estado psíquico de desamparo —, é que vai determinar a estruturação mais sadia (como é nas turmas e nos drogativos) ou mais patológica (drogadictos e gangues delinqüências). Neste último caso vai ocorrer a predominância das pulsões agressivo-destrutivas, muitas vezes com requintes de perversidade e de crueldade.

Assim, as causas determinantes da formação de gangues não são únicas e tampouco simples; pelo contrário, elas são múltiplas, complexas e variadas, de sorte que a seguir vamos enumerar apenas algumas delas.

1. Uma primeira e óbvia razão é a de que uma gangue agressiva representa um grito de desespero do adolescente — como indivíduo e como grupo — contra uma sociedade que não só não o entende, como ainda o desampara, humilha e degrada. Vale assinalar que essa forma de busca de libertação resulta em um grande paradoxo porquanto a organização da gangue segue um tão rígido código de fidelidade aos seus valores que ela própria acaba se constituindo como um novo cativo.
2. Como as gangues, em sua maioria, se formam no seio das classes mais humildes, temos uma tendência em enfatizar a explicação da causa de natureza socioeconômica como sendo

suficiente para entender o porquê da conduta predatória destas gangues contra a sociedade burguesa. No entanto, em classes sociais mais favorecidas este fenômeno pode se processar de forma idêntica e isto comprova que o extravasamento dos sentimentos de ódio, de inveja e os ímpetos de vingança cruel, não é exclusividade de pessoas e de classes economicamente privadas. É claro que a carência é muito mais séria e profunda do que unicamente a econômica, de sorte que ela também diz respeito às privações de ordem afetiva e de caos emocional de certas famílias.

3. Uma outra causa explicativa da empáfia arrogante que caracteriza cada um dos indivíduos que pertencem à gangue consiste no fato de que, muito reforçado pelo fato de que “a união faz a força”, exacerba-se em todos eles uma sensação de onipotência. Da mesma forma como um indivíduo refugia-se na onipotência maníaca como uma forma de fugir da depressão e do reconhecimento de sua fragilidade e dependência dos outros, ele pode conseguir esta mesma fuga no seio de um grupo, porquanto a grupalidade favorece a diluição do fardo de responsabilidades e de culpas que caberia a cada um isoladamente, pelos danos causados aos outros.
4. Um importante aspecto a ser levado em conta é o fato de que, nas turmas sadias, a supervalorização do tipo de vestuário, ou de penteado, gosto musical, certos modismos e bizarras, etc. pode estar sendo o emblema designativo de sua diferenciação com o “establishment”. Deste modo, nas turmas drogativas o fetiche supervalorizado e diferenciador possa estar sendo representado pela droga, enquanto que nas gangues de delinquentes, a violência por si mesma, é que pode constituir-se como a insígnia principal da diferenciação com o establishment. Assim, o ideal das gangues organiza-se em torno da *idealização da violência*, a qual não só está imune às críticas, como ainda o seu propósito anti-social é significado pelos seus pares como sendo uma demonstração de audácia e valentia, portanto, funciona como um passaporte para a aceitação e admiração dos demais.
5. O fato de a própria droga funcionar como um fetiche que vende a ilusão de liberdade e coragem, forma-se um peri-

goso círculo vicioso maligno baseado no fato de que a traficância de drogas encontrar um campo aberto para o comércio ilícito de grupos poderosos que enriquecem às custas da fragilidade emocional de muitos adolescentes que, então tornam-se presas fáceis. A relevância deste fato reside no óbvio fato de que a violência com requintes de crueldade cresce em intensidade quanto mais o indivíduo violento estiver intoxicado, com a mente num estado de obnubilação, com total falta de senso crítico e responsabilidade pelos atos de violência perversa e cruel.

6. É útil consignar a importância da influência do fator representado pelo *modelo* das cúpulas diretivas corrompidas e perversas, quer seja no âmbito familiar (provinda dos pais), ou institucional (diretorias) ou na esfera governamental (lideranças políticas). A relevância que empresto a esse aspecto reside no fato de que qualquer dessas cúpulas funciona como um modelo de identificação que, indiretamente, prega a apologia de que os fins justificam os meios, da lei do menor esforço para conseguir êxito, tudo isso com a garantia do mato da impunidade. Dessa maneira também cabe destacar a influência exercida pela *mídia* na formação das mentes, corações, espíritos e valores (anti) éticos.
7. Talvez por crer que seja o fator mais importante, deixei por último o aspecto de que a dificuldade em se conseguir modificar a expansão numérica e destrutiva das gangues nascidas nas classes paupérrimas prende-se ao fato de que os indivíduos nascem e crescem em um ambiente que tem uma *cultura própria*, com o cultivo de outros valores que não aqueles que são considerados por nós como sendo os construtivos e saudáveis. Eles se organizam em uma sociedade paralela e, por isso, é comum que não se reconheçam como marginalizados, mas, sim, como orgulhosos portadores de uma cultura diferente, uma contracultura, com um código de valores morais, éticos, estéticos e jurídicos inteiramente à parte dos nossos valores vigentes.
8. À moda de síntese, vale afirmar que a diferença fundamental entre a existência de uma Turma e de uma Gangue é que na primeira, na sadia busca de emancipação predominam os

sentimentos amorosos, ainda que estes estejam encobertos por uma pseudo-agressão. A Turma se dissolve ao natural, porquanto os seus componentes evoluem, tomam caminhos diferentes na vida, porém, de alguma forma, ficam absorvidos de forma natural pelo establishment.

9. É diferente nas Gangues: nesses casos existe o predomínio dos sentimentos de ódio e vingança, com a ausência manifesta de sentimentos de responsabilidade, de culpa e de intentos reparatórios, ancorados que estão na idealização de sua destrutividade. Em caso de dissolução da gangue, os seus membros seguem a mesma trilha de delinquência, porquanto a separação de cada um deles não foi através de um processo de crescimento; pelo contrário, qual um foco infeccioso, eles vão inoculando o vírus delinquencial em seus circunstantes e nas gerações vindouras, assim garantindo uma unidade existencial.
10. Por esta razão, é difícilimo solucionar o complexo problema de se poder conter a violência provinda de gangues organizadas em torno de líderes que fazem da crueldade o ideal de sua vida. Mesmo nos países do primeiro mundo, com todos os recursos econômicos e de técnicos especializados à disposição das autoridades, o desafio do problema delinquencial não está sendo vencido, o que comprova o fato de que, para fugir do desamparo, a ética é rompida e abre o caminho para a violência.

ALGUMAS SUGESTÕES QUE VISAM À PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA

É consensual que, em termos ideais, a melhor medida contra o incremento da violência é a de investir na profilaxia, na sua prevenção, embora, como já foi destacado antes, alguns fatores concorrem para obstruir o sucesso dessa tarefa. De qualquer forma, vale apontar que a medida preventiva primária consiste numa *educação dos pais*, trabalho que pode ser realizado através de recursos de técnicas grupais.

Da mesma forma, uma importante medida profilática seria a possibilidade de equipes de saúde terem acesso às *comunidades* de classe social mais humilde e realizar um trabalho de campo, onde, além da

assistência orgânica, seria dispensado um cuidado especial de trabalho social, psicológico e espiritual. Para tanto, devem ser mobilizadas e integradas as forças vivas da comunidade, como as professoras, os representantes da igreja, as lideranças naturais, etc. Também aí a aplicação da dinâmica grupal, realizada com crianças, púberes, adolescentes, gestantes, professores das escolas, etc. têm se mostrado de grande valia.

Igualmente é necessário continuar insistindo na tentativa de alcançar os quase que totalmente desassistidos “*meninos de rua*”, e prestar lhes uma assistência que atenda às necessidades básicas, principalmente levando em conta que todo menor abandonado funciona como um caldo de cultura para a prática de toda sorte de violências.

Assim, os responsáveis pela *política* deveriam discursar menos e agir mais, no sentido de batalharem pela expansiva criação em múltiplos cantos do país, de centros esportivos e profissionalizantes. Não se pede muito das autoridades e políticos em geral, mas, sim, que simplesmente se empenhem em fazer cumprir as determinações que já existem no excelente *Estatuto da Criança e Adolescente (ECA)* que protege e confere direitos à dignidade de vida do menor, porém que ainda não decolou do papel.

Um outro aspecto que deveria ser seriamente encarado pelos responsáveis pelo ensino diz respeito ao fato incontestável de que a escola primária, um “segundo lar” (quando não o primeiro) funciona como um verdadeiro cadinho forjador da personalidade e da socialização da criança e aonde o sentimento de identidade vai se definindo e estruturando. No entanto a evasão escolar atinge cifras alarmantes, e em grande parte isso deve a que o ensino no lugar de constituir-se num local prazeroso, é sentido pelas crianças como um local de suplício por não conseguirem acompanhar e atender as exigências que lhes são impostas.

Conquanto as casas prisionais sejam um mal necessário — enquanto as medidas profiláticas ideais ainda estejam longe de serem plenamente viáveis — é certo que o sistema repressor na imensa maioria das vezes tem falhado na recuperação do adolescente violento, além de que ainda se corre o risco de que o menor abandonado ou apenas aprenda, nas instituições onde ele está segregado, novas modalidades e técnicas de violência.

GRUPOTERAPIAS. Tanto nos micro-grupos (família, grupos terapêuticos, de reflexão ou de ensino-aprendizagem com um limitado número de participantes), ou nos macro-grupos (uma abrangência sociológica

bastante mais ampla, como pode ser uma corporativista ou de toda uma classe social, etc.) as leis grupais (existência de conflitos narcisistas centrados no poder, distribuição de distintos papéis, distúrbios da comunicação, etc.) são praticamente as mesmas. O que varia é o manejo técnico que deve adaptar-se às finalidades para as quais um determinado grupo foi criado.

Descontando os grupos terapêuticos de finalidade psicanalítica que exigem a coordenação de grupoterapeutas muito bem preparados com uma específica formação especial, as demais modalidades da aplicação da técnica grupal podem ser exercidas por técnicos ou pessoas em geral que, inicialmente acompanhadas por algum tipo de supervisão, demonstrem um gosto por trabalhar com grupos, e um espontâneo talento natural que propicie a integração solidária das pessoas.

Em linhas gerais, todo grupo que for organizado com a finalidade de integrar as pessoas e levá-las a *pensar*, no lugar de *agir impulsivamente*, pode genericamente ser chamado como *grupo de reflexão* (porque leva os participantes a refletirem sobre suas necessidades, angústias, relacionamentos com os outros e sua forma de conduta). Além desse importantíssimo aspecto de tentar ensinar as pessoas a pensar adequadamente, a nossa experiência com a prática grupal ensina que os demais seguintes aspectos essenciais podem ser bem trabalhados:

- Promover o reconhecimento dos *limites* de cada um em relação aos demais; assim como também o reconhecimento das *capacitações* e das inevitáveis *limitações*; dos *direitos* e *deveres*; da *semelhança* e *diferenças com os outros*; de uma distinção entre o sentimento de *liberdade* e o de *libertinagem*; de aceitação de uma necessária *hierarquia*.
- Este aspecto referente à aceitação da hierarquia — tanto no âmbito familiar, como institucional ou social — remete diretamente ao fundamental aspecto de reconhecimento dos *papéis* que cada sujeito pode desempenhar de forma estereotipada pela vida inteira (por exemplo, o papel de “bode expiatório”, de “porta-voz da violência dos demais”, de “líder”, tanto construtivo como destrutivo, etc. etc.). Acompanhando o reconhecimento do desempenho dos papéis, a dinâmica de um grupo de reflexão também auxilia o reconhecimento dos *lugares, posições e funções* que cabe a cada em qualquer contexto grupal. Da mesma forma um grupo

desta natureza permite que se trabalhe com os sérios problemas referentes aos transtornos da *comunicação* entre os pares e que refletem os mesmos distúrbios de relacionamento que eles têm na vida cotidiana. Os reiterados assinalamentos desses aludidos aspectos fortalecem o ego de cada um no contexto grupal.

- Ao lado do fortalecimento do ego de cada um e de todos, o coordenador do grupo deve ter uma estrutura psíquica que lhe permita, de forma autêntica e natural, funcionar como um “*superego bom*”. Isto quer dizer que o coordenador deve se manter bastante firme e, ao mesmo tempo, ser tolerante, respeitador das falhas e deficiências e que acredite nas capacidades positivas que estão escondidas e subjacentes às manifestações agressivas praticadas pelos adolescentes. Esse novo modelo de superego deve ocupar o lugar do superego *mau*, ou seja, aquele que embora possa parecer que esteja ausente (porque aparentemente os membros adolescentes do grupo não sintam a mínima culpa pelas eventuais transgressões que fazem), esse superego age interiormente como um cruel agente ameaçador e punitivo.
- Um grupo de “reflexão”, ou de “integração”, promove uma *socialização*, onde as pessoas desenvolvem a capacidade de ter consideração e empatia pelos demais, além de propiciar a oportunidade de uns auxiliarem aos outros, assim construindo uma capacidade para fazer *reparações*. Dizendo com outras palavras: um grupo pode funcionar como um excelente instrumento que ajude o adolescente a fazer a passagem de uma posição de *narcisismo* para uma de *socialismo*.
- As “reparações” acima referidas são necessárias para amenizar as culpas tendo em vista que o adolescente nem sempre sabe distinguir quando ele pratica uma *agressividade* sadia e construtiva, ou quando a sua conduta é pautada por uma *agressão* de características sádico-destrutivas.
- Um recurso que pode ser utilizado num desses grupos, que eu considero excelente, consiste na projeção de filmes especiais, que propiciem um amplo debate entre todos, direcionado para as múltiplas *identificações* que cada um sente com determinados personagens e enredo do filme.